

46  
511

# OBSEQUIO

E M

## ACCAM DE GRACAS

COM QUE O PRECLARISSIMO

SENADO DA CAMERA DE COIMBRA

*Solemnizou a conservaçã da estimabilissima  
Vida de*

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA.

# SONETO.

I.

**R**ecebe inclito Rey em claro indicio;  
Da Vassalagem pura, e fé notoria,  
Os gratos parabens dessa Victoria,  
Que do insulto te deu o Céu propicio!  
Patria de lealdade no exercicio  
Solemniza o Triunfo, e por mais gloria,  
Altars levantando na memoria,  
Dos jubilos te rende o sacrificio.  
Conhecendo o favor da Providencia,  
Quando aplaude triunfante o braço Regio  
Nos Templos dezagrava esta insolencia,  
Mais he bem, que restaure em modo egregio  
Os votos, que rompeu a inconfidencia  
Os cultos, que estragou o sacrilegio.

Copy  
7-11-25

S O N E T O II.

**R** Espira ò Portugal, respira ativo  
 Em gloria o sentimento transformando  
 Que se em susto tiveste palpitando,  
 Para a magoa evitar já tens motivo.  
**Teu** Augusto Monarca encontras vivo  
 Do injusto affacinado hoje triunfando,  
 Pois na vida que o Ceo protege amando  
 Não pôde ser o golpe executivo.  
**Em** jubilo converte o triste enojo  
 Já que em posse te vês da liberdade,  
 No castigo, que teve o infame arrojo:  
**Pois** he bem que, vingada a Magestade,  
 Seja de Prazer grato despojo  
 A victima, que foy da falcidade.

S O N E T O III.

**P** Reclarissimo Rey, teu Reyno afflicto  
 Na tradição do insulto o horror seguiu  
 Hoje torna ao prazer, que lhe impedia  
 Hum defacato enorme, hum vil delito  
**Nos** semblantes do Povo estava escrito  
 O peijo, que não teve a aleivozia,  
 Que para horrorizar a tirania  
 Basta fingir na idéa o seu conflito.  
**Sentiu** o duro ultraje, em que te viste  
 Porém tantos disgustos lhe desmente,  
 A grande rectidão, com que o puniste  
**Pois** sendo o teu dispique à culpa uirgente  
 Quanto o digno attentado o dexou tri  
 Tanto a penna do arrojo o trás contel

S O N E T O. IV.

**A** Treveu-se Senhor ao teu respeito  
 Da barbara perfidia a atrós maldade  
 Pois até o esplendor da Magestade  
 A's dezordens do insulto está sujeito.  
 Esquecida da Fé rompe o conceito,  
 Que o Ceo te permetio da immuidade,  
 Porque sabe tambem a inniquidade  
 Seus tiros diregir ao Sacro Peito.  
 Mas isto que offendeu o Soberano.  
 Deixando o Regio alento vitoriozo  
 Formou à tirania o dezengano;  
 Porque saiba o Vassallo indecorozo,  
 Que tem forças mayores que o Tirano  
 O sagrado poder do Magestozo.

S O N E T O. V.

**O** Dio implacavel foy o que atrevido  
 Te chamou a combate em campo armado,  
 Que tambem não se serve o que he sagrado  
 De ser indignamente aborrecido.  
 Nas contendas de amor pouco instruido  
 Mòve as armas valente o confiado,  
 Que he arbitrio do genio alucinado  
 Nos insultos mostrar-se destimido.  
 Affeita o dezafio o peito amante,  
 Porq̃ viu a trayção que hum Regio affecto.  
 Muito mais que o seu odio era constante.  
 Mas ó sorte fatal do vil projecto,  
 Que quando se julgava estar triunfante,  
 Da morte contra si volta o Decreto.

S O N E T O VI.

**C**Astigaſtes, ò Rey, os agreſſores  
 Deſte crime incivil empenho injuſto,  
 Porèm ainda eſquecer não pôde o fuſto,  
 Em que o Reyno deixaraõ os vís traydores.  
 Nos altares Afrea os teus favores  
 Arderaõ com o ſuplicio à culpa juſto;  
 Mas foy o ſentimento taõ robuſto,  
 Que não pôde extinguir os ſeus ardores.  
 Sim vemos derrotada a tiraniã,  
 Porèm ſe a triſte morte a diſfigura  
 Quando lembra, os prazeres dezaſia;  
 Que he de tal natureza a mão perjura,  
 Que jazendo ſem alma em terra fria,  
 Enchendo eſtà de horror na ſepultura.

S O N E T O VII.

**E**Stranhaſte que hum odio pervertida  
 Deixaſte da amizade a luz ſagrada,  
 Que he para ſe eſtranhos, ver conſpirada  
 A mão que tú fizefte eſclarecida.  
 Sentifte que ficaffe deſmentida  
 A Fé do Portuguez nunca imitada;  
 Pois ſe deve ſentir ver conjurada,  
 Quem ſempre aborreceu ſer fementida.  
 Mas respira Senhor, pois os Traydores  
 Não poderãõ eſtragar teu valimento,  
 Nem da Patria abater os pundonores;  
 Que o ſoberbo vapór, que leva o vento,  
 Se perturba da luz os reſplandores  
 Não confunde do Sol o luzimento.

SONETO VIII.

**S**E a turba do horrorozo atrevimento  
 No fuffo do infenfivel apprehendera,  
 As armas offensivas não movêra  
 Contra o teu Mageftozo, e Regio alento  
 Se os olhos levantaffe ao Firmamento,  
 O peijo nas Estrelas conheçera,  
 E no empenho cruel retrocedera  
 Eftalando de horror o sentimento.

Pelos aftros ao Ceo queixas formava,  
 O fogo fer verdugo não queria,  
 A morte da traição se envergonhava,  
 Mas oh monftro cruel da tirania!

Que para o innanimado as Leis deixava,  
 Que ao vivente guardar fô competia.

*A' noite em que se cõmeteu o barbaro insulto.*

SONETO IX.

**T**U que deftes, oh noite, o efcurο manto  
 Para ter dezafoço o crime horrendo,  
 Confeffa fe elles Ceos vifte tremendo,  
 De ver tal dezacato, arrojo tanto.

Tu que viftes a terra em triftre efpanto  
 Por ver o Augusto Rey fangue vertendo,  
 Dize fe o Tejo foy veloz correndo,  
 Ou fe a Aurora apreffou na efpera o pranto.

Mas como ferviràs de teftemunha,  
 Se tu mefma fugias affombrada,  
 Da morte que ao Monarca fe difpunha.

Pois fendo para o insulto procurada,  
 Tinhas medo de ver quem defcompunha  
 Do amor, e do refpeito a luz fagrada,

*Ao saber se levantava o theatro para se executar ajustis.*  
*fima Sentença.*

S O N E T O XIV.

SUSPende, Augusto Rey, suspende as iras,  
Pois na tua bondade refletindo  
Parece quando a culpa estàs punindo,  
Que contra o proprio genio te conspiras.  
Modera esse furor, em que respiras,  
A's vozes da clemencia rezistindo,  
Pois a antigua piedade comprimindo,  
Enches de assombro o Mundo, a Patria admiras.  
No teu peito se achou sempre a grandeza,  
Naõ só da mancidaõ, mas da ternura,  
Porém hoje a bondade he só fereza.  
Mas, ò culpa incivil, que ès taõ perjura,  
Que até fazes mudar a natureza,  
Convertendo em furor todá a brandura.

*Ao Tejo.*

S O N E T O XV.

TU que guardas, ò Tejo cristalino,  
As cinzas do tumulto conspirado,  
Confessa, se tambem horrorizado,  
Nãõ te deixou o arrojo atroz, e indigno.  
Confessa, se acuzando o teu destino,  
Nãõ estàs justamente envergonhado,  
De ser urna de hum monstro que manchado  
Deixou da lealdade o ser divino.  
Mas como nos diràs, como te achastes,  
Se parece traidor te descrevestes  
Nas reliquias tiranas, que aceitastes;  
Pois quando o que aceitavas, conhecestes,  
Sò entãõ teus furores desprezastes,  
E as cinzas da soberba recolhestes.

---

POR FR. JOZE' DE SANTA MARGARIDA DE CORTONA,  
*Religioso da Provincia dos Algarves.*

---

LISBOA: Na Officina de PEDRO FERREIRA, Impressor  
da muito Augusta Rainha nossa Senhora. Anno 1759.